



OS EFEITOS DO SILÊNCIO DA MINISTRA DAMARES ALVES

Elisiane Santos de Matos¹
Ciro Antonio das Mercês Carvalho²

O desenvolvimento de tecnologias digitais permitiu mudanças profundas nas relações histórico-sociais e ideológicas graças às inúmeras possibilidades discursivas que se apresentaram devido às novas condições de produção relacionadas a esta materialidade. Assim, o modo como os sentidos se constituem a partir do digital permitem “processos de ressignificação do funcionamento das instituições e dos discursos” (DIAS, 2016, p. 9). Por meio do suporte teórico da análise de discurso (AD) de base materialista, entendemos que os efeitos do arquivo são diferentes daqueles das ciências de matiz formalista ou sociologista. A teoria e o método, bem como o objeto de análise de discurso, compõem um corpo estabelecido que tem suas constantes na construção do dispositivo analítico.

Assim, com a devida preocupação com a técnica analítica, nos interessa neste trabalho o complexo de sentidos que engendra o nosso *corpus* de análise, especificamente recortes extraídos da *web*, na conta oficial na rede de microblogues *Twitter* da ministra Damares Alves, à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (@DamaresAlves), em que nos atentamos para a materialização, ou seja, as formas do silêncio no lançamento da campanha de “Enfrentamento à Violência Contra a Mulher”, em novembro de 2019.

Propomos analisar alguns dos efeitos de sentido produzidos pelo não-dizer de Damares Alves que, ao atravessar as diferentes formações discursivas às quais são filiados os sujeitos usuários da plataforma *Twitter*, tornou ruidoso aquele silêncio. A ausência de palavras ditas criou uma polissemia, um disse-me-disse, a partir da qual se torna pertinente utilizar a noção de rumor apresentada por Silveira (2015) e as distorções que os discursos assumem ao serem propagados pelos sujeitos, especialmente em redes sociais como o *Twitter*.

Os discursos presentes nas publicações que compõem nosso *corpus* têm diferentes formas de se apresentar, como é típico de publicações feitas nas redes sociais na internet, contendo links, vídeos, imagens, comentários, respostas, etc. São um verdadeiro “compósito”, no sentido apresentado por Paveau (2015, *online*), que usa o termo para designar a relação entre a linguagem e a técnica nos discursos nativos da internet. Para Paveau (2015, *online*), as análises de materiais oriundos da internet não podem ser tratadas apenas como questões puramente linguísticas, mas questões “compósitas”, em que algumas materialidades não são da língua, mas sim de natureza técnica, também deve ser levada em consideração, entendendo-o como um tecnodiscurso. Nesse sentido, nossa análise é feita perante um arquivo cujas

¹ Bolsista CAPES e doutoranda em Análise de Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL-UESC).

² Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) e Mestrando em Análise de Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL-UESC).

condições de produção do discurso são aquelas presentes no ambiente digital, o que nos remete à noção de digitalização do mundo de Cristiane Dias (2016, p.10-11), ao dizer que:

A digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho.

Dessa maneira, reconhecemos que o digital está interligado com a nossa forma de acessar a língua e de participar do discurso e, por consequência, interpretá-lo. Segundo Cristiane Dias (2016), as formas particulares de gestos discursivos que operam no digital formam a chamada memória digital. nos deparamos com a opacidade discursiva, especialmente em plataformas como o *Twitter*, em que os sujeitos muito dizem em um curto espaço de tempo, uma efemeridade nos enunciados que deixa para trás muitos ruídos, não ditos e possibilidades. Além disso, a extensão máxima de um tuite, atualmente, é de no máximo 280 caracteres de texto por vez, o que gera a necessidade de síntese e pode desencadear elipses nos discursos feitos nessa plataforma.

As publicações que selecionamos estão inseridas no contexto do lançamento da campanha de “Enfrentamento à Violência Contra a Mulher”, que aconteceu em 25 de novembro de 2019, no Palácio do Planalto em Brasília. Naquela oportunidade, membros da mídia se reuniram, momentos antes da cerimônia da referida campanha, para uma entrevista coletiva com a ministra Damares. Entretanto, ela ficou em silêncio todo o tempo em meio às perguntas dos repórteres e jornalistas, indo embora sem nada dizer. Logo após abandonar a coletiva, no perfil oficial da ministra no Twitter, foi publicado o vídeo do momento em que ela permanece em silêncio, por pelo menos trinta segundos, antes de abandonar o espaço reservado à entrevista, bem como os repórteres. Na publicação há apenas o vídeo e, como legenda, reticências. No vídeo, por volta dos 20 segundos, é possível ouvir um dos repórteres perguntar “O que foi ministra? A senhora está emocionada?”.³

Em seguida, a ministra postou em sua conta um vídeo com a “explicação” que contém e um o texto escrito “Ninguém entendeu meu silêncio, mas agora eu explico pra vocês” (sic). Abaixo, segue a transcrição livre do que a ministra diz no vídeo:

Quando cheguei perto dos repórteres eu fiquei em silêncio por um minuto. Eu queria dizer para os repórteres que não pode tirar voz de nenhuma mulher, a mulher não pode ficar em silêncio. Eles ficaram tuitando preocupados, sem saber o que eu queria falar. Eu queria exatamente ficar em silêncio para dizer para eles que nenhuma mulher pode ficar sem voz no Brasil. Bora, você que tá sendo vítima de violência ligue agora 180, é no nosso ministério nós vamos atender. *Você mulher cigana, indígena, ribeirinha*, você tem uma ministra e um presidente que deu ordem “acabou a violência contra a mulher” (ALVES, 2019, *online*, grifos nossos).

Destacamos os trechos da fala acima, porque, a partir deles, levantamos alguns gestos de interpretação discursiva. A primeira delas é o destaque dado pela ministra aos segmentos “cigana, indígena, ribeirinha”, dentro do conjunto universal *mulheres*. Esse conjunto de mulheres que Damares destaca, de maneira geral, vivem fora dos centros urbanos, longe de delegacias de polícia, de unidades de saúde e de

3 Notícia do lançamento do programa “Enfrentamento à Violência Contra a Mulher”, em 25 de novembro de 2019, no sítio oficial do Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/novembro/governo-lanca-campanha-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 05 maio 2021.

outros órgãos do Estado. Desse modo, elas supostamente teriam mais dificuldade de denunciar a violência doméstica.

Conforme Orlandi (2007), o discurso é a materialidade específica da ideologia, de modo que pensamos que a especificação realizada pode desempenhar o efeito de sentido que embasa a afirmativa de que o Governo Federal “universalizou” os Direitos Humanos, abrangendo todos os públicos vulneráveis (minorias). Daí, a necessidade de destacar estes sujeitos específicos – três segmentos, dentro das minorias, nos discursos empreendidos pela ministra.

O segundo gesto de interpretação tem ligação com o outro componente da formação discursiva de Damares Alves, uma vez que ela se declara pastora pertencente à Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte (MG). A partir dessa posição da religião batista que faz parte da formação identitária da ministra, notamos que há um efeito de sentido “missionário” - que é comparável aos jesuítas católicos do período colonial brasileiro- nas falas da ministra, especificamente quando ela se refere a estes segmentos minoritários de mulheres, como faziam os jesuítas ao justificarem suas intervenções religiosas no período colonial.

Ora, a ministra não se refere diretamente às mulheres que residem em contexto urbano, tampouco às mulheres negras, porém, elas são as principais vítimas de violência doméstica e cujas estatísticas são diariamente contabilizadas, de modo que este não-dito no discurso de Damares encontra sentido na interpretação de Grigoletto (2003, p. 232) acerca do silêncio como fundante. Também mencionamos Orlandi (2007, p. 31) quando ela fala que o silêncio fundante “é a base sobre a qual se constrói a dimensão da política do silêncio: é porque o silêncio existe como matéria significativa, sem a qual não há sentido, que o dizer se povoa com alguns sentidos para que outros não sejam ditos e não signifiquem”. Neste caminho de ideias, temos o conceito de silêncio constitutivo “que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras)” (ORLANDI, 2007, p. 24).

Em uma leitura contemporânea das noções do abade Dinouart, Beck (2013) entende que as proposições sobre o silêncio são tomadas como uma *aproxia* no contexto da resistência-revolta zapatista. Conseqüentemente, Beck (2013) considera o silêncio como capaz de acarretar efeitos políticos.

[...] O discurso cristão de Dinouart postula um sujeito dotado de livre arbítrio capaz de fazer escolhas efetivas e conscientes entre o bem e o mal. Há, ainda assim, em sua concepção de silêncio algo que ressoa as teorizações da Análise de Discurso. Dinouart não define o silêncio como um vazio de sentidos, como um negativo da linguagem verbal. O silêncio é dotado de potência para afetar os outros sujeitos, afetar a relação (de forças) entre os sujeitos de modo acarretar efeitos políticos (BECK, 2013, p. 76).

Contrariamente, em nossa análise do caso da ministra Damares não é possível afirmar que o silêncio teve o papel virtuoso e de resistência que encontramos em Dinouart (2002) e na interpretação de Beck (2013). Dessa forma, o silêncio⁴ de Damares provocou lacunas passíveis de preenchimento por significados outros, dessa maneira “significou” de forma diversa do que se ela tivesse efetivamente proferido palavras naquela coletiva de imprensa. No entanto, resguardadas as diferenças oriundas das diversas formações discursivas, também é possível entender que o silêncio da ministra foi “dotado de potência [...]”,

4 O silêncio entendido como *fundante*, a partir da hipótese levantada por Orlandi, em *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*: “Na perspectiva que assumimos, o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (ORLANDI, 2007, p. 31).

capaz de afetar a relação (de forças) entre os sujeitos de modo acarretar efeitos políticos”, como pontua Beck (2013, p. 76).

Trazendo ainda a noção de silêncio alguns séculos para o futuro em relação aos tempos do abade de Dinouart, temos em Orlandi (2007, p. 24) a noção de política do silêncio. Esta política que se divide em “b1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente ‘outras palavras’); e b2) o silêncio local que se refere à censura propriamente dita (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)”. No presente trabalho não identificamos o silêncio local (censura) propriamente dito, mas um simulacro de silêncio local no sentido deleuziano apresentado por Freda Indursky (2013, p. 70). Desse modo, há um “efeito de semelhança” do silêncio de Damares frente aos repórteres com o silenciamento das mulheres que sofrem de violência, porém “essa semelhança, na medida em que é construída externamente como uma diferença, ‘interioriza uma dissimilitude’” (INDURSKY, 2013, p. 70).

Ao nos debruçarmos sobre as repercussões do silêncio da ministra Damares Alves, pudemos constatar especialmente duas proposições feitas por Orlandi. A primeira é que “o silêncio não é transparente. Ele é tão ambíguo quanto às palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar” (ORLANDI, 2007, p. 101). Assim, a partir do corpus analisado percebemos que as condições em que se deu o silêncio performático de Damares possibilitaram uma variedade de sentidos discursivos, materializados na profusão de rumores dos inúmeros tuites e das diversas matérias em mídias jornalísticas, mesmo depois da ministra dizer os seus “porquês”, em vídeo.

Por conseguinte, respeitando que o silêncio é também uma materialidade, nossa análise se deu nos discursos que vieram depois dele, de modo que nosso trabalho parafraseou o provérbio ancestral utilizado por Pêcheux: “quando um dedo aponta para a lua, o tolo olha para o dedo”. Assim, enquanto pesquisadores, para nós foi um desafio “olhar para o dedo” que apontou para o gesto de silenciar da ministra e não para o silêncio em si. Nesse sentido, observamos a contradição de Damares em sua proposta de divulgar uma campanha contra a violência e o feminicídio, enquanto faz parte de um governo belicoso e que defende políticas armamentistas.

Reforçamos as palavras de Dias (2015, p. 18) para quem “o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria”, com condições de produção específicas dessa materialidade e que estão em constante (r)evolução tecnológica, de modo que ainda há muito para se explorar no campo da AD. Por fim, traçamos a seguinte linha de raciocínio: quanto maior o número de armas em posse de cidadãos, mais armas também haverá no ambiente doméstico, possibilitando o aumento no número de feminicídios nas residências brasileiras. É nesse sentido que reside a contradição entre o discurso de combate à violência, proferido por Damares, e o discurso governamental armamentista amplamente propagado e efetivado pelo presidente Jair Bolsonaro – sujeito ao qual a ministra está subordinada e foi quem lhe concedeu o cargo na pasta da “Mulher, da Família e dos Direitos Humanos”, possivelmente, pela identificação entre as FD de ambos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Damares. “Ninguém entendeu meu silêncio, mas agora eu explico pra vocês. Denuncie a violência contra a mulher. Ligue 180. #vctemvoz”. 25nov. 2019, 15:41. **Twitter**: @DamaresAlves. Disponível em: <https://Twitter.com/DamaresAlves/status/1199042712550461441>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BECK, Maurício. Apraxia e silenciar: formas resistência-revolta por meio de uma subtração subjetiva. *In*: História das ideias: nos domínios da língua(gem). **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 8, n. 10, p. 71-82, 2013.

DINOUART, Josep-Antoine-Toussaint. **A arte de calar**. Tradução de Luiz P. Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, [1771] 2002.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Revista Redisco**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.

GRIGOLETTO, Marisa. Silenciamento e memória: discurso e colonização britânica na Índia. *In*: **Discurso, língua e memória**. Rio Grande do Sul: Organon, 2003. p. 229-243.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: EditoraUnicamp, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. “Composite”. **Technologies discursives** [Carnet de recherche], online, 7 ago. 2015. Disponível em: <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=699>. Acesso em : 30 abr. 2021.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.